
A Literatura entre o pedagógico e o imanente: uma questão de identidade

Maurício Silva
Universidade Nove de Julho

Resumo:

O presente artigo tem como propósito fazer uma digressão acerca de algumas características estruturais e ideológicas da arte literária, destacando seus fundamentos conceituais, como o *processo criativo*, e relacionando-os à questão da identidade.

Palavras-chave: Arte, literatura, processo criativo, identidade

Literature between the pedagogical and the immanent: a matter of identity

Abstract:

The present article aims at making a digression regarding some structural and ideological features of the literary art, highlighting its conceptual fundamentals, as the *creative process*, and its relation with the question of identity.

Keywords: Art, literature, creative process, identity

1.

A crítica literária quase sempre viveu um severo embate entre tendências opostas, criando assim um indefectível mal-estar entre os críticos: de um lado, a defesa entusiástica da literatura militante, de cunho social e ideológico; de outro, a resistência infatigável da *l'art pour l'art*. De um lado, o reconhecimento apaixonado da literatura como ficção - pura fantasia, imaginação imponderável; de outro, a vigência sempre atenta dos defensores da literatura como mimese, imitação da realidade. De um lado, enfim, a consideração resoluta da *palavra* como epicentro da narrativa; de outro a determinação não menos firme de considerar a *ação* como aspecto principal da obra.

E as disputas continuaram séculos afora. Talvez nenhuma delas tenha sido tão revivida e tão romanticamente venerada como aquela que considera como tendências visceralmente apostas o culto da *forma* e o do *conteúdo*. Ou, em outras palavras e genericamente falando, as motivações extra-literárias e as motivações intra-literárias da ficção.

Representantes da tendência extra-literária – como Sainte-Beuve (com o seu biografismo), Freud (com o seu psicologismo) e Marx (com o seu sociologismo) – defenderam, por exemplo, a literatura como um instrumento de interpretação e modificação da realidade, incluindo aí o próprio ser humano, parte integrante do cotidiano. Nesse sentido, o entendimento da obra literária passaria necessariamente pela compreensão do próprio homem, seja da sua vida pessoal (Sainte-Beuve), seja da sua vida mental (Freud), seja da sua vida política (Marx).

De tendência inversa, representantes do chamado Formalismo, do Estruturalismo e do *New-Criticism* procuraram ver, na obra literária, nada mais do que motivações artísticas imanentes - a *literariedade* -, indícios característicos da literatura.

2.

Em meio a esse conflito de tendências críticas, parece que uma atua de forma independente, embora se possa considerá-la tributária da literatura militante, de natureza essencialmente conteudística: trata-se daquela a que poderíamos denominar de *pedagógica*, a qual revelaria um pendor a considerar a essência *funcional* da literatura, isto é, como algo passível de ser utilizado com o intuito expresso de exercer determinada função, sobretudo a de educar. Literatura para educar: talvez nunca se tenha dado um papel tão recorrente à literatura. Da antigüidade aos nossos dias, a literatura tem sido sistematicamente levada a desenvolver esse cunho pedagógico.

Com efeito, a princípio a literatura era essencialmente poesia; e a poesia era essencialmente a conjunção de saberes, de experiências. Nada mais justificável, desse ponto de vista, do que utilizar a literatura como instrumento de transmissão de idéias e de prática pedagógica. Era o que pensava, por exemplo, Platão, para quem a arte tinha que ter uma função determinadamente educativa:

"não devem, pois, nossos jovens guerreiros buscar por todos os meios estas belas qualidades, se querem desempenhar bem seus deveres? (...) Sim (...) Tal é também o fim da pintura e de todas as belas-artes". (PLATÃO, 1956, p. 76)

Essa é a realidade da República platônica: a arte como instrumento por meio do qual o homem é sujeito (educador) e objeto (educando) pedagógico, e a literatura, seu instrumento.

Tal concepção da arte persistiu ao tempo, ultrapassou o espaço e conquistou adeptos. A filosofia de Walter Benjamin, por exemplo, não dispensou semelhante visão, ao declarar que uma das funções principais da arte (mas de determinado tipo de arte!) deveria ser, em última instância, utilitária e pedagógica:

"[a narrativa] tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. (BENJAMIM, 1986, p. 57)

3.

É lógico que quando se relaciona literatura, pedagogia e identidade, não se pode deixar de falar, como se abrissemos um parêntese nessa discussão, da questão do ensino da literatura. Com efeito, hoje em dia, torna-se cada vez mais imperativo uma política educacional que se fundamente, prioritariamente, no estímulo à leitura, em especial na leitura de literatura, sobretudo por ser ela um gênero discursivo que, de modo mais abrangente, trata não apenas da infinita variabilidade lingüística, mas também da representação estética de um imensurável universo cognitivo. Por isso, para Regina Zilberman e Ezequiel Silva,

“compete hoje ao ensino da literatura não mais a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. A execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário”. (ZILBERMAN & SILVA, 2008, p. 23)

Particularmente no âmbito do Ensino Fundamental, uma política de incentivo e promoção da leitura deve, antes de mais nada, levar em consideração os mediadores que, atuando juntamente com outras instâncias institucionais, deverão agir como principal canal de veiculação, para os alunos, do texto escrito. Daí a necessidade mais imediata de se formar agentes capacitados justamente a desempenhar esse papel de mediador entre o texto e seu leitor, realizando o que se pode chamar de *letramento literário*, que tem na *leitura* seu mais eficaz ponto de partida.

A leitura, considerada no seu sentido lato, contribui substancialmente para o desenvolvimento da cidadania, resultando num amplo processo de inclusão social e afirmação identitária. Daí a necessidade de sua promoção de forma orgânica e sistemática, por meio da qual se confere ao cidadão maior competência profissional e inserção social. A rigor, o que um projeto intensivo de letramento literário propõe é a articulação de competências e habilidades individuais, com o propósito de equacionar, de modo positivo, as várias distorções presentes na sociedade brasileira. Dessa forma, incentivar a leitura, por meio da formação de mediadores capacitados, representa não apenas uma maneira de democratizar o saber, mas também de utilizar esse conhecimento em benefício da sociedade como um todo.

É nesse sentido abrangente de uma prática voltada para a reconfiguração de uma sociedade tradicionalmente excludente, como tem sido a brasileira, que a leitura adquire plena importância no contexto social contemporâneo, atuando de forma efetiva na eliminação dos percalços que entravam a aplicação de uma política educacional inclusiva.

Uma pedagogia voltada para o incentivo e a promoção da leitura, deve, desse modo, preocupar-se também com a construção de um imaginário assentado no amplo universo composto por instituições e práticas relacionadas à leitura, universo esse que leve em conta desde o papel desempenhado pela escola e pelos professores, como também por outros promotores do livro, como as editoras, os escritores, os veículos de comunicação etc. Cria-se, assim, uma rede de elementos interagentes, capazes de alargar o alcance da leitura e fazer dela o elemento central nesse processo de renovação da educação, a partir da prática de desenvolvimento do letramento literário. E a sala de aula, num sentido abrangente, sem ser o único, é o espaço por excelência onde se começa a exercitar essa prática:

“é só quando o aluno percebe que existe um ambiente de liberdade e respeito naquele local de trabalho [na sala de aula] que ele pode perceber o texto literário como um produto cultural com o qual interage de forma significativa. A formação de um ambiente de trabalho que possibilite a intervenção dos alunos na aula e no próprio texto literário é responsabilidade do professor”. (NORONHA, s.d., p. 19)

4.

Em contraposição à literatura pedagógica, há tendências que privilegiam a forma literária, sendo claramente de extração formalista, num sentido abrangente: trata-se de tendências a que poderíamos chamar de *imanentistas*, em prejuízo do valor teórico e do pragmatismo literário, as quais se tornaram muito comum no século passado, privilegiando a consciência de uma literatura – ou, antes, de uma tendência estética – que tivesse uma preocupação fundamental com aspectos não-ideológicos da expressão literária, como foi, por exemplo, a tendência simbolista. (PEYRE, 1983; GOMES, 1984) Já presentes na primeira metade do século XVII – nas idéias defendidas por Edgar Allan Poe, para quem a literatura era, antes de tudo, uma espécie de culto à beleza formal – os indícios dessa nova consciência literária atingiram seu auge no final do século XIX, tendo como arauto principal o poeta francês Stéphane Mallarmé, árduo defensor do imanentismo estético-literário, com base em seu hermetismo lingüístico e simbólico: apegando-se veementemente à idéia de uma poesia supra-real, uma mensagem que ultrapassasse o âmbito restrito do entendimento humano, Mallarmé procurou difundir sua visão poética - a poesia como Símbolo, acessível apenas aos iniciados na Arte das Musas -, espalhando sua voz por todo o mundo ocidental e logrando fazer com que suas idéias perdurassem ainda por muito tempo. (FRIEDRICH, 1978)

A literatura imanentista, na sua versão mais moderna - como bem a cultivaram James Joyce, Guimarães Rosa, William Faulkner e muitos outros -, caracterizou-se pela procura consciente - tal com já tentara Baudelaire e, de modo mais sagaz, o próprio Mallarmé - de uma nova linguagem, condizente com a necessidade de expressão que então se vislumbrava: ganha forma, portanto, uma autêntica e original manifestação

estético-literária, inutilmente tentada pelos românticos, na busca de neologismos que expressassem seus pensamentos mais originais.

5.

Um pouco mais tarde, passado o ímpeto simbolista, outros escritores, principalmente poetas, fizeram perceber à arte ocidental que o tão perseguido imanentismo literário poderia ser alcançado sem que fosse preciso lançar mão do hermetismo lingüístico e simbólico, defendido por Mallarmé e seus seguidores.

Com características poéticas que os aproximavam uns dos outros, estes artífices da imagem literária seguiram o percurso exatamente oposto, para atingirem o mesmo fim pretendido pelas gerações precedentes. De fato, foi pelo uso de uma linguagem depurada e clara, pela utilização de uma expressão límpida e despojada, pelo emprego de um vocabulário fácil e acessível, que essa nova geração poética logrou atingir - fazendo com que tudo o que viera antes parecesse um contra-senso - a literatura imanentista, antes praticada pelos cultuadores da linguagem enigmática e cerrada: com meios diferentes, chegou-se a um fim semelhante.

Uma diferença, contudo, além daquela fundada no emprego de uma linguagem visivelmente diversa, entre o imanentismo apregoado pelos simbolistas e congêneres e aquele exercido por alguns poetas que os sucederam revela-se de suma importância: enquanto que, para aqueles, a literatura obscurantista era, por vezes, o próprio *fim*, uma espécie de vago pelo vago; aos poetas da simplicidade, o imanentismo literário colocava-se em outro nível: era, mais exatamente, um *meio*, empregado para que se atingisse uma nova concepção universal da existência humana.

Análoga à poesia hermética dos simbolistas ou à prosa neológica dos vanguardistas, a literatura cultivada pelos poetas de linguagem simples, despojada, fluente e de aparentemente fácil e imediata inteligência não pode e não deve ser lida com ingenuidade: ela guarda em si, e exatamente aí reside o seu valor estético, concepções infinitamente novas e secretas da realidade.

Para os novos poetas imanentistas, a simplicidade formal e simbólica não *revela* algo propriamente, mas, ao contrário, *oculta* infinitas lições acerca do homem, a serem descobertas pelo leitor mais sensível: nesse aspecto, poder-se-ia dizer que se trata de uma *simplicidade que dissimula*. Assim, a poesia da simplicidade traz consigo um

significado tão ou mais profundo do que a dos citados poetas herméticos, significado esse que, encoberto por uma aparente ingenuidade, esconde - como já dissemos - uma mensagem impregnada de valor humano.

Dessa maneira, é por meio de uma profunda consciência da própria expressão literária, do fazer poético mesmo, que poetas como o português Fernando Pessoa, o alexandrino Konstantin Kaváfis, o brasileiro Manuel Bandeira ou o chileno Pablo Neruda e muitos outros atingiram um alto grau de simplicidade lingüística para exprimir uma filosofia de vida de imponderável complexidade, a qual alcança ser, ao mesmo tempo, singular e universal.

Trata-se, em outras palavras, de uma espécie de *imanentismo* sublime, cujo principal pressuposto talvez possa ser resumido pela seguinte máxima: um mínimo de expressão para um máximo de expressividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIM, Walter. “O Narrador. Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov”. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estruturas da Lírica Moderna (Da Metade do Século XIX a Meados do Século XX)*. São Paulo, Duas Cidades, 1978.
- GOMES, Álvaro Cardoso (org). *A Estética Simbolista*. São Paulo, Cultrix, 1984.
- NORONHA, Diana Maria. “Escola e Literatura: O Real e O Possível”. In: ZILBERMAN, Regina (org). *O Ensino de Literatura no Segundo Grau*. Campinas, Cadernos da ALB, s.d.
- PEYRE, Henri. *A Literatura Simbolista*. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1983.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo, Atena, 1956.
- ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Literatura e Pedagogia. Ponto & Contraponto*. São Paulo/Campinas, Global/ALB, 2008.

Recebido em 15 de outubro de 2010. Aprovado em 31 de outubro de 2010.